



**“Isso tudo me traz de novo a vida que eu tinha”:  
a coconstrução de uma narrativa autobiográfica  
na Doença de Alzheimer**

***“It all brings me back to the life I had”: the co-construction  
of an autobiographical narrative in Alzheimer’s Disease***

Caio Mira

Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, Rio Grande do Sul / Brasil

cmira@unisinis.br

<http://orcid.org/0000-0002-4858-1743>

Katiuscia Custodio

Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, Rio Grande do Sul / Brasil

katusciacustodio@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0002-9735-6251>

**Resumo:** A Doença de Alzheimer é uma patologia neurodegenerativa que afeta, dentre outras funções cognitivas, a linguagem, causando dificuldades de acesso lexical, articulação fonológica, organização sintática e alterações de elementos pragmáticos da conversação que prejudicam as interações cotidianas. Tendo em vista esse contexto, o presente artigo analisa a interação face a face de uma pessoa acometida pela DA na fase moderada, com um pesquisador em uma situação de entrevista narrativa. A partir do pressuposto de que usar a linguagem é engajar-se em uma ação colaborativa, especificamente a produção de uma narrativa autobiográfica, o presente trabalho fundamenta-se no aparato teórico da Análise da Conversação, dos Estudos das Narrativas Oraís e da Linguística Textual. A narrativa autobiográfica que tomaremos em análise no presente artigo integra um *corpus* de interações gravadas com uma participante acometida pela DA. As análises demonstram que a participante mantém uma atitude colaborativa durante toda a interação, coconstruindo referentes com o interlocutor, inclusive quando surgem déficits ocasionados pela patologia. Além disso, a performance

narrativa da participante caracteriza-se por uma narrativa autobiográfica que emerge no contexto discursivo-interacional exercendo o papel de ressignificar sua experiência de vida frente à doença.

**Palavras-chave:** Doença de Alzheimer; narrativa autobiográfica; referenciação.

**Abstract:** Alzheimer's disease is a neurodegenerative pathology that affects, among other cognitive functions, language, causing difficulties in lexical access, phonological articulation, syntactic organization and changes in pragmatic elements of conversation that impair daily interactions. In view of this context, the present article analyzes the face-to-face interaction of a person affected by AD in the moderate phase, with a researcher in a situation of narrative interview. Based on the assumption that using language is to engage in a collaborative action, specifically the production of an autobiographical narrative, the present work is based on the theoretical apparatus of Conversation Analysis, Oral Narrative Studies and Textual Linguistics. The autobiographical narrative that we will analyze in this article includes a corpus of interactions recorded with a participant affected by AD. The analyzes show that the participant maintains a collaborative attitude throughout the interaction, co-building referents with the interlocutor, even when deficits caused by the pathology arise. In addition, the participant's narrative performance is characterized by an autobiographical narrative that emerges in the discursive-interactional context playing the role of reframing her life experience in the face of the disease.

**Keywords:** Alzheimer's disease; autobiographical narrative; reference.

Recebido em 27 de outubro de 2020

Aceito em 16 de dezembro de 2020

## **Introdução**

A linguagem é o elemento de colaboração de nossas ações no mundo social. Das grandes às pequenas tarefas cotidianas, a linguagem constitui o cenário básico em que as ações verbais são ações conjuntas, ou seja, onde usar a linguagem é sempre se engajar em alguma ação na qual a linguagem é o meio e o lugar onde a ação acontece necessariamente em coordenação com outras pessoas. O caráter colaborativo da linguagem consiste na ação conjunta que emerge quando falantes e ouvintes – ou escritores e leitores – desempenham duas ações individuais em coordenação, como um conjunto: “[...] são instâncias de uso da linguagem, atividades nas quais, com a linguagem, as pessoas fazem coisas” (CLARK, 1996, p. 3).

Uma das inúmeras formas de usar a linguagem para desempenhar uma ação conjunta pode ser expressa por uma atividade discursiva recorrente em nossas vidas: o ato de contar histórias. Apesar de parecer uma simples atividade cotidiana, narrar revela uma ação que fazemos em colaboração com o interlocutor, abarcando diferentes propósitos, seja para convencer alguém de algo, argumentar em favor de um ponto de vista, refutar uma ideia, defender uma causa, entreter ou até mesmo demonstrar quem de fato somos e construir nossas identidades.

Considerando a narrativa como uma ação conjunta, analisar esse tipo de produção discursiva implica investigar os recursos linguísticos e interacionais utilizados tanto na elaboração do enredo da história quanto no desempenho de papéis dos personagens/agentes que são construídos por quem narra e por quem ouve as histórias (DE FINNA; GEORGAKOPOLOU, 2012; MIRA, 2019). Em outras palavras, assumimos a narrativa como uma prática discursivo-interacional que é socialmente situada (BASTOS; BIAR, 2015). Portanto, é necessário considerar que narrar consiste em uma ação, isto é, uma performance em que construímos significados sobre quem somos, sobre quem são os outros e sobre as configurações do mundo social (KIM, 2016; MOITA LOPES, 2009).

As formas de desenvolvimento da narrativa são discursiva e textualmente formatadas pelo contexto interacional (NORRICK, 2007). Nesse sentido, Ochs e Capps (2001, p. 02) argumentam que as narrativas são moldadas durante as interações e que a ação de narrar constitui:

[...] uma ferramenta para refletir de forma colaborativa sobre situações específicas e seu lugar no esquema geral da vida. Em ensaios desse tipo, o conteúdo e a direção que os enquadramentos narrativos tomam são dependentes da contribuição narrativa de outros interlocutores, que fornecem, extraem, criticam, recusam e tiram inferências de facetas do relato que se desenrola. Nessas trocas, a narrativa torna-se uma conquista interacional e os interlocutores tornam-se coautores.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> “Narrative activity becomes a tool for collaboratively reflecting upon specific situations and their place in the general scheme of life. In essays of this sort, the content and direction that narrative framings take are contingent upon the narrative input of other interlocutors, who provide, elicit, criticize, refuse, and draw inferences from facets of the unfolding account. In these exchanges, narrative becomes an interactional achievement and interlocutors become co-authors”.

Nessa prática de coconstrução entre os interlocutores, conhecimentos compartilhados são negociados e sentidos são construídos mutuamente à medida que a história se desenrola, incidindo diretamente sobre a relevância de algo estar sendo contado em determinado contexto. Como uma prática discursiva, a narrativa possibilita a análise linguística por duas perspectivas: a primeira focaliza o universo narrativo em si próprio (os eventos, os personagens e a textualidade desses elementos da história) e a segunda considera como ponto de partida de análise a interação na qual a narrativa é originada e o contexto em que ocorre a negociação de sentidos entre quem narra e quem ouve as histórias (FLANNERY, 2015; MIRA; CUSTODIO, 2019).

O presente trabalho tem como objetivo analisar uma narrativa autobiográfica produzida por uma pessoa que vive em uma fase moderada da Doença de Alzheimer (doravante DA). As características da linguagem da participante nessa fase são marcadas pelas dificuldades de acesso lexical, de articulação fonológica de alguns verbos e substantivos, repetições de itens lexicais e de tópicos durante a conversação. Além disso, são frequentes pequenos lapsos de memória e momentos de autocorreção dos enunciados. Apesar do progresso do quadro neurodegenerativo, que compromete algumas funções motoras e a visão, a participante consegue interagir de forma satisfatória nas interações com seus familiares e cuidadores e também nas situações de entrevista narrativa com o pesquisador. Dessa forma, consideramos, a partir da observação de nossos dados, que a linguagem da participante se manifesta no cenário interativo demonstrando as dimensões da narrativa e a coconstrução de referentes que se articulam no processo de coconstrução do sentido com o interlocutor, resignificando as experiências de vida.

Aliada à concepção de narrativa no âmbito da perspectiva socioconstrucionista, o presente trabalho se baseia na perspectiva textual-interativa, desenvolvida no arcabouço teórico metodológico da Linguística Textual e da Análise da Conversação. Especificamente, o intuito dessa articulação teórica é compreender as estratégias de organização interativa e referencial envolvidas na constituição e manutenção dos elementos da narrativa autobiográfica produzida no contexto da DA, que é marcado por alterações linguísticas e cognitivas.

Com base na noção de referenciação, compreendida como uma atividade sociocognitiva de construção de sentidos, conforme proposto por Mondada e Dubois (2003), as estratégias linguísticas/textuais que

emergem em narrativas demonstram uma forma de produção discursiva em que os interlocutores constroem e interpretam colaborativamente os referentes das práticas interacionais e discursivas em que nos engajamos cotidianamente. Nessa perspectiva, Marcuschi (2004, p. 263) afirma que “o problema da significação não é resolver se às palavras corresponde algo no mundo externo e sim o que fazemos do ponto de vista semântico quando usamos as palavras para dizer algo”.

A referenciação consiste em um fenômeno textual e interativo que analisaremos a fim de demonstrar o caráter colaborativo próprio da linguagem na perspectiva da sociocognição, isto é, a construção conjunta de significados com base nos conhecimentos compartilhados entre os indivíduos, tendo como prática discursiva a narrativa autobiográfica, que explora as formas de construção e exibição de quem o narrador/personagem é, foi no passado ou projeta ser no futuro (HYDÉN, 2018). Nesse sentido, acreditamos que a contribuição seja evidenciar as estratégias colaborativas e compensatórias das pessoas que vivem com DA como um dos desafios enfrentados para se manterem como uma voz ativa nas interações em que contam a própria história ou (re)constróem eventos e fatos do cotidiano (HYDÉN, 2017; MIRA, 2019). Contar histórias sobre eventos passados é uma atividade conjunta em que os interlocutores se envolvem em uma ação que acontece necessariamente em coordenação com os outros sujeitos (CLARK, 1996; HYDÉN, 2017).

De acordo com Marcuschi (2001, p. 38), a construção da referência consiste “naquilo que, na atividade discursiva e no enquadre das relações interpessoais, é construído num comum acordo entre os atores sociais envolvidos numa dada tarefa comunicativa”. Ou seja, ao contar uma história, os interlocutores negociam objetos de discurso que exercem um papel fundamental na constituição da narrativa e na sua relevância no contexto interativo. Tais ações, muito comuns em situações triviais que desempenhamos nas interações cotidianas, são postas à prova quando nos colocamos em situações comunicativas nas quais a linguagem é afetada por uma patologia neurodegenerativa como a DA.

A DA é uma doença neurodegenerativa que acomete de 60% a 70% dos casos (SANTOS *et al.*, 2019) das neurodegenerências em idosos e que acomete funções cognitivas como memória e atenção, funções motoras como equilíbrio, força, flexibilidade e função aeróbica observando-se tais declínios já na fase inicial da doença. Trata-se, segundo Vieira *et al.* (2014), de uma doença ocasionada pelo acúmulo de

peptídeo *beta-amilóide* que se deposita nos vasos cerebrais e ocasiona a morte neuronal. Os impactos ocasionados pela DA incidem diretamente sobre as funções cognitivas, como memória, atenção e função executiva além de funções motoras, já nos estágios iniciais (ZIDAN *et al.*, 2012), o que, conseqüentemente, impede a pessoa acometida de realizar atividades cotidianas autonomamente.

Em relação à linguagem, na fase inicial da doença, “seriam identificados déficits na atividade de nomeação, repetições, circunlóquios, uso expressivo de dêiticos e de estruturas sintáticas consideradas ‘simples’, sem déficits expressivos no processamento fonológico” (MORATO, 2010, p. 104). Já na fase moderada, “os problemas mnésicos passam a ser incapacitantes, seguidos de crescente desorientação temporal-espacial e de problemas de linguagem mais crescentes e prontamente perceptíveis” (MORATO, 2016, p. 583-584). Por fim, na fase severa, a memória é afetada consideravelmente e a linguagem torna-se comprometida em todos os seus níveis (MORATO, 2016). A patologia também desencadeia impactos “nas formas de recepção social da doença (algo que inclui as práticas diagnósticas e a interação do doente com seus próximos), bem como de seu enfrentamento no plano psicossocial, médico-terapêutico e familiar” (MORATO, 2016, p. 584).

O contexto de declínios que envolve a DA afeta não somente questões relacionadas à saúde, mas a vida social do indivíduo em um âmbito maior, incluindo a sua participação social, impactando na compreensão que as pessoas não acometidas têm sobre a doença e como interagem com as pessoas acometidas. Diante desse quadro, o presente trabalho pretende trazer à pauta uma análise dos elementos linguísticos e interacionais que constituem uma cena interativa no contexto dessa doença neurodegenerativa. O nosso intuito é demonstrar como a participante ressignifica suas memórias e promove sua participação na interação a partir da constituição de uma narrativa autobiográfica que ocorre no contexto de entrevista narrativa com a presença de um pesquisador.

## **1 A narrativa**

A variedade de histórias que as pessoas contam, de acordo com o contexto interacional do qual estejam participando, motiva diferentes abordagens linguísticas a estudarem as narrativas. Passando de uma

abordagem inicial de estudos da narrativa, no campo da sociolinguística, mais voltada à forma de como se estrutura (LABOV; WALETZKY, 1967), para uma perspectiva interacionista de estudo da linguagem, as narrativas passam a ser vistas como práticas sociais e despertam o interesse das ciências humanas, ganhando cada vez mais espaço nesse campo de investigação.

Dada a ubiquidade do fenômeno narrativo, várias áreas da Linguística passaram também a se interessar por narrativas que emergem cotidianamente na cena interacional. Por meio da análise dos mecanismos discursivos utilizados pelos falantes, é possível compreender como as pessoas constroem imagens sobre si mesmas, deixando transparecer sua autopercepção por meio de suas histórias e de suas experiências de vida.

A narrativa autobiográfica é uma das abordagens de estudo que “consiste em um relato que auxilia na definição da identidade dos narradores, oferecendo uma versão coerente sobre por que e como eles se encontram nas posições atuais” (FLANNERY, 2015, p. 40). Em outras palavras, ela revela uma ressignificação da experiência de vivida pelo “eu” que incide sobre como ele constrói sua identidade, ou como se autoavalia. Para De Finna (2015), a ação de contar histórias é um mecanismo cognitivo e psicológico diretamente relacionado com o autodesenvolvimento, propiciando um senso positivo de si mesmo e um artifício para lidar com momentos difíceis que enfrentamos.

De acordo com Linde (1993), esse tipo de narrativa tem como especificidade o fato de poder ser recontada várias vezes e não apenas em um único episódio. Além disso, as histórias de vida deixam transparecer uma avaliação permeada por valores socioculturais do meio em que vivemos. Em relação a esse aspecto da narrativa autobiográfica, vale destacar a sua importância no contexto em que situamos nosso estudo. Costumeiramente, as narrativas de pessoas acometidas por algum tipo de doença neurodegenerativa tendem a ser rotuladas como incompreensíveis, desorganizadas ou fragmentadas por apresentarem desvios do tópico, desordem temporal, serem repetitivas ou ainda apresentar trocas de personagens e de espaço sem uma preparação prévia ao interlocutor (HYDÉN, 2018). Entretanto, as narrativas têm um papel importante na rotina de quem vive com DA, pois:

Contar histórias ainda é uma atividade relevante para a pessoa com demência em todas as diferentes fases do processo da doença, pela simples razão de que tanto a pessoa com demência quanto

outros membros da família têm muito de sua identidade investida nas histórias do cotidiano, e todos continuam a contar histórias, mesmo quando a pessoa com demência tem graves problemas para animar as histórias. (HYDÉN, 2018, p. 5-6, tradução nossa).<sup>2</sup>

Em um cenário no qual a memória é desafiada, contar histórias de vida e ressignificar experiências adquire um novo sentido. As pessoas acometidas por patologias neurodegenerativas são pessoas que, como todas as outras, possuem “voz” e cuja identidade é coconstruída com os interlocutores por meio das histórias de experiências vividas e contadas conjuntamente. Pelas memórias e pelas histórias contadas por outras pessoas ou por si mesmas, as pessoas acometidas pela DA também podem reconstruir suas identidades reflexivamente na interação.

O sentido sobre nossa identidade é sustentado pela relação que estabelecemos com os outros na interação. Considerando tamanha importância da interação e das histórias de vida que contamos, “todas as pessoas, mas especialmente as pessoas com Doença de Alzheimer, dependem das interações sociais para a criação e manutenção de sua personalidade e senso de identidade” (SHENK, 2005, p. 6, tradução nossa).<sup>3</sup>

Conforme anteriormente discutido, o uso da linguagem, de acordo com Clark (1996), consiste em desempenhar uma ação conjunta, elaborada a partir de ações individuais que se complementam, em colaboração entre os indivíduos. O autor inclusive a compara com uma música de Mozart tocada no piano. Se tocada apenas por uma pessoa, a ação depende unicamente de seus processos cognitivos próprios, que estão sob seu poder de controle e decisão. No entanto, ao tocá-la em dueto, a ação depende da cooperação das ações entre ambos e somente será bem sucedida se as ações se complementarem colaborativamente. Nesse caso, os processos cognitivos serão compartilhados entre os participantes. O papel da interação social e da linguagem para a cognição

---

<sup>2</sup> “Storytelling is still a relevant activity for the person with dementia at all the different stages of the disease process for the simple reason that both the person with dementia and other family members have much of their identity invested in everyday stories, and they all continue to tell stories, even when the person with dementia has severe problems with animating the stories.”

<sup>3</sup> “All persons, but specially persons with Alzheimer’s disease, are dependent upon social interactions for the creation and maintenance of their personhood and sense of self.”

humana também foi pautado por Vygotski (2005), que apresenta a ideia de “uma relação dialética entre o linguístico e o cognitivo no tratamento da significação, plasmados no contexto enunciativo, isto é, instanciados em práticas sociais com linguagem” (MORATO, 2008, p. 159).

A colaboração da pessoa não acometida pela doença estabelece o que pode ser chamado de andaimento<sup>4</sup> necessário a fim de facilitar a interação, seja estabelecendo significados conjuntos, relembrando experiências compartilhadas ou contribuindo com conhecimentos comuns a ambos. Esse andaimento pode acontecer de três formas: i). pelas atividades de ativação de *frames*; ii). pelas contribuições e iii). pelos reparos. Todas essas ações podem favorecer a participação da pessoa com DA e também a compreensão de outros interlocutores (HYDÉN, 2018).

Em se tratando de narrativas que emergem interacionalmente, o andaimento influi diretamente na sua continuidade quando as dificuldades ocasionadas pela doença se sobrepõem. Dessa forma, nas interações que acontecem dentro do contexto patológico abordado, o papel do andaimento pode ser de significativa relevância, pois resulta em uma maior ou menor participação da pessoa acometida, ocupando uma posição central ou periférica no cenário cotidiano (CUSTODIO, 2019).

Devido à natureza das ações coordenadas que constituem o uso da linguagem, entendemos a narrativa que emerge nas interações cotidianas como constituída pelo trabalho de coconstrução entre falantes e ouvintes e apresentando uma estrutura mais flexível, delineada pelo contexto em que ocorre, diferente do modelo de Labov e Waletzky (1967), que exigia a presença de estruturas comuns às narrativas. Segundo Ochs e Capps (2001) as narrativas de experiências pessoais são histórias construídas dentro da interação que não apresentam um roteiro estabelecido, mas se desenrolam de acordo com a ação conjunta construída entre os participantes durante as mais variadas interações.

Por essa perspectiva, as autoras defendem a ideia de que as narrativas podem variar e que o que as caracteriza não seria uma estrutura fixa, mas cinco dimensões que podem ser observadas de uma forma mais fluida ou menos rígida, como se fosse em um *continuum* cujos polos

---

<sup>4</sup> Andaimento (*scaffolding*) é um termo que foi cunhado a partir da teoria vygotskiana, por Wood, Bruner e Ross (1976) ao se referirem ao processo no qual um indivíduo mais experiente, no caso, o professor age dando um suporte interacional à criança a fim de superar suas dificuldades, agindo de forma autônoma.

são as possibilidades que os falantes podem alcançar nos elementos da história de acordo com o contexto interacional.

As dimensões que caracterizam as narrativas coconstruídas e que foram estabelecidas pelas autoras são:

- Narração (*tellership*): a história pode apresentar um narrador principal ou múltiplos conarradores.
- Historiabilidade (*tellability*): revela a importância da história ser contada em determinado contexto como sendo mais alta ou mais baixa em graus de relevância.
- Encaixe (*embeddedness*): demonstra a conexão da narrativa emergente com o discurso circundante, podendo surgir como destacável ou como encaixada à conversa.
- Linearidade (*linearity*): a história pode ser construída com progressão temporal e causal, ou apresentando uma ordem não-linear dos eventos narrados.
- Postura Moral (*moral stance*): a história pode demonstrar uma avaliação moral mais certa e constante ou mais incerta e fluída.

O quadro a seguir sintetiza as dimensões propostas pelas autoras:

QUADRO 1 – Dimensões da narrativa

Dimensões		Possibilidades
Narração	Um narrador ativo	→ Múltiplos co-narradores ativos
Historiabilidade	Alta	→ Baixa
Encaixe	Isolada	→ Encaixada
Linearidade	Ordem causal e temporal finalizada	→ Ordem causal e temporal aberta
Postura moral	Determinada, constante	→ Indeterminada, fluída

Fonte: Ochs e Capps (2001, p. 20).

A partir do modelo de Ochs e Capps (2001), consideramos as narrativas sobre histórias de vida de pessoas com DA, como *locus* de análise das estratégias de coconstrução de significados, da alternância de papéis e de colaboração, nas quais elas podem demonstrar o sentido sobre si mesmas e suas identidades e experiências em coconstrução com o interlocutor.

## 2 Referenciação

Diversas áreas de estudo da linguagem se debruçam sobre a relação estabelecida entre as palavras e o mundo e sobre como utilizamos a linguagem para referir à realidade do mundo. Estudos de cunho cognitivistas (ROSCH, 1975) pressupõem uma relação pré-estabelecida ao referenciar as palavras aos objetos do mundo e, assim sendo, as performances discursivas são medidas de acordo com seu grau de correspondência com o mundo (MONDADA; DUBOIS, 2003).

Por outro lado, o paradigma sociocognitivista aborda a linguagem, deslocando a concepção de uma referência pronta, de uma língua como um reflexo do mundo e considerando que os sentidos são negociados constantemente pelos sujeitos, mudando de acordo com suas percepções de mundo. Essa perspectiva fica clara nas palavras de Marcuschi (2001, p. 38) ao afirmar que “a referência não se dá apenas na relação linguagem-mundo”, ou seja, a realidade não é apreendida da mesma forma por todas as pessoas e assim, a língua manifesta-se como uma construção social e histórica, e a relação entre linguagem e mundo resulta em uma atividade cognitiva-interacional desempenhada pelos indivíduos (MIRA, 2019). Partilhando dessa concepção, Mondada e Dubois (2003, p. 273) consideram que:

As práticas linguísticas não são imputáveis a um sujeito cognitivo abstrato, racional, intencional e ideal, solitário face ao mundo, mas a uma construção de objetos cognitivos e discursivos na intersubjetividade das negociações, das modificações, das ratificações de concepções individuais e públicas do mundo.

Nesse jogo de construção de objetos negociados nas interações, podemos considerar que a realidade não está pronta, mas vai sendo ressignificada por meio das experiências que compartilhamos. As práticas de linguagem são desempenhadas por sujeitos que a todo instante reelaboram significados criativamente. Ao deslocar a ideia de uma referência única e pronta, a noção de referenciação compreende essa questão como “um fenômeno de natureza semântico-discursiva em que é possível observar a emergência de processos de significação que evidencia as relações entre linguagem, cognição e interação”. (MIRA; CARNIN, 2017, p. 163.)

Por conseguinte, a referenciação possibilita ressignificar a realidade no âmbito discursivo, instaurando a noção de *objetos de discurso* dinâmicos cujo sentido é colaborativamente construído pelos interagentes durante o desenvolvimento da cena interacional. Ao negociar sentidos durante o processo textual-interativo da referenciação:

O sujeito, por ocasião da interação verbal, mobiliza um conjunto de estratégias de ordem sociocognitiva e opera sobre o material linguístico, procedendo a escolhas significativas para representar estados de coisas, com vistas à concretização de sua proposta de sentido (KOCH, 1999, 2002). [...] Desta maneira, “endereços” ou nódulos cognitivos já existentes podem ser, a qualquer momento, modificados ou expandidos, de modo que, durante o processo de compreensão, desdobra-se uma unidade de representação extremamente complexa, pelo acréscimo sucessivo e intermitente de novas categorizações e/ou avaliações acerca do referente. (KOCH, 2008, p. 203).

De acordo com Koch (2004), os falantes constroem os objetos de discurso em ações formulativas, metaformulativas e metadiscursivas que são desenvolvidas na interação. Portanto, os referentes não são estanques, mas constituem objetos de discurso que não preexistem naturalmente à atividade cognitiva e interativa dos falantes (APOTHÉLOZ; REICHLER-BÉGUELIN, 1995). Pelo contrário, é na e pela interação que objetos de discurso são modificados nas ações coordenadas em que os falantes se engajam para usar a linguagem em suas diversas configurações discursivas (CLARK, 1996; JUBRAN, 2006).

No escopo do presente trabalho, a atividade sociocognitiva da referenciação configura-se como o processo pelo qual a pessoa com DA e o interlocutor articulam conhecimentos mutuamente no propósito de favorecer a produção textual e interativa de narrativas. Considerando que, ao contar uma história, estamos produzindo também um texto oral, as narrativas desmistificam e estabelecem a coerência entre o passado, o presente e os fatos ainda não realizados (OCHS; CAPPS, 2001). A perspectiva textual-interativa possibilita compreender como a narrativa é construída na dinâmica interacional, mostrando de que forma os referentes são inseridos, ativados e negociados na tarefa de coconstrução (ou construção reflexiva) que marcam os elementos do ato de contar histórias (FLANNERY, 2010; MIRA, 2019).

### 3 Metodologia

A pesquisa proposta constitui-se como um estudo de caso, sendo uma investigação de cunho qualitativa-interpretativista, amparado pelo quadro teórico-metodológico da Linguística Textual e da Análise da Conversação (MARCUSCHI, 1998). A escolha dessas duas áreas é justificada pela intenção de desenvolver análises que contemplem as narrativas autobiográficas produzidas pela participante com DA por dois motivos a partir do textual-interativo, que “examina os princípios gerais de constituição do texto falado, mas dá um passo a mais na análise dos textos, ao considerar esses procedimentos no âmbito da construção do processo de interação entre falantes” (LEITE *et al.*, 2010, p. 52). A escolha dessa perspectiva procura evidenciar as estratégias de construção do texto falado no modelo proposto por Ochs e Capps (2001), no intuito de desenvolver análises que abarquem as estratégias referenciais e as estratégias de colaboração entre os interlocutores na interação oral, o partilhar de conhecimento entre ambos e o esforço e a disposição para produzir inferências.

Como instrumento de geração de dados, foi utilizada a entrevista aberta, sem roteiro preestabelecido, concebida como um evento de fala (MISHLER, 1986), dentro da qual o discurso é construído conjuntamente entre os participantes durante a interação face a face. Do ponto de vista interacional, as entrevistas se configuram sem uma rigidez estrutural, sendo similares a uma situação conversacional cotidiana em que os interagentes participam de forma simétrica da troca de turnos e nas dinâmicas de desenvolvimento dos tópicos. Os temas abordados nesses encontros são iniciados a partir de comentários de fatos do dia a dia ou de relatos da participante, que vive com DA, a respeito de suas atividades diárias, de viagens ou visitas aos familiares e de sua antiga rotina de trabalho como professora. É nesse contexto interacional que surgem as narrativas.

A geração de dados ocorreu por um período de cerca de 12 meses, em encontros mensais entre um pesquisador e a participante com DA. O tempo total de gravação em áudio e vídeo que compõe o *corpus* do presente estudo é de cerca de 18 horas. O critério de escolha dos dados, para esta análise, foi a recorrência de narrativas autobiográficas durante os encontros. Priorizamos esse tipo de realização discursiva, pois é uma das ações mais frequentes desempenhadas pela participante

nas interações em coconstrução com o interlocutor. Há também a recorrência de narrativas autobiográficas que são desencadeadas por tópicos introduzidos nas entrevistas abertas pela participante. O dado que será analisado no presente artigo foi gerado em abril de 2016, abrangendo em torno de 1 hora de gravação em vídeo. Como categorias de análise, mobilizaremos as dimensões da narrativa (OCHS; CAPPS, 2001) e a referenciação. Para propiciar uma melhor organização da análise, dividiremos o dado em três excertos.

O sistema de notação utilizado na transcrição dos dados tem como base as notações já utilizadas nos estudos do projeto NURC<sup>5</sup> (Norma Urbana Culta) por Marcuschi (1998) e adaptado por Custodio (2019). A identidade e o anonimato da participante foram preservados durante todo o processo de geração e transcrição de dados, conforme o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A pesquisa teve a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), projeto nº 15/191. Nas transcrições, a participante é identificada pelo nome fictício Joana. Os demais participantes das interações, o pesquisador e a cuidadora de Joana também receberam nomes fictícios.

### 3.1 A participante

Os dados apresentados neste trabalho são provenientes de interações entre um pesquisador e Joana, que à época da realização da pesquisa tinha 70 anos. Diagnosticada com a Doença de Alzheimer há cerca de 5 anos, Joana encontra-se em uma fase moderada da doença e é ciente de sua condição. Uma característica de Joana que vale a pena ser destacada é o fato de que ela é bilíngue e possui um alto grau de letramento, tendo atuado profissionalmente ao longo de sua vida como professora universitária de língua inglesa. Em sua rotina, ela busca se envolver em diversos tipos de atividades, tais como exercícios físicos, conversas cotidianas, organização de livros, discos musicais, fotografias, recordações de viagens. Além dessas atividades, são frequentes as viagens e visitas à casa de familiares e amigos.

---

<sup>5</sup> O Projeto Norma Urbana Culta (NURC) teve início em 1969 e foi desenvolvido em cinco capitais brasileiras: Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre, tendo como objetivo analisar a linguagem oral de falantes de escolaridade de nível superior completo.

Atualmente, como sintomas visíveis da DA, Joana apresenta lapsos de memória recente, dificuldade de articulação fonológica no início de palavras, de acesso lexical, parafasias semânticas e lexicais e repetição de segmentos vocálicos, além da perda de visão, o que a impede de desempenhar suas atividades cotidianas sem auxílio. No entanto, apresenta preservadas a ordenação de estruturas sintáticas e a manipulação de regras pragmáticas no uso da linguagem.

Ela tem o apoio de seu círculo familiar mais próximo e de duas cuidadoras para desempenhar a maioria de suas atividades cotidianas. Apesar das dificuldades, Joana procura manter-se ativa fazendo exercícios físicos, organizando seus pertences pessoais, visitando amigos e familiares ou prestigiando atrações culturais sempre que possível. É bastante comum, nas situações de entrevistas, Joana iniciar as interações trazendo algum objeto importante para ela que queira mostrar ao entrevistador, como objetos e fotos que são recordações de viagem ou de família, e solicitar a leitura de textos diversos, devido a sua perda de visão. A participante apresenta-se sempre muito solícita a interagir e compartilhar suas experiências de vida.

#### 4 Análise de dados

Na interação que será analisada a seguir, participam Joana, Bete, uma de suas cuidadoras, e Fábio, um dos pesquisadores. Nesse segmento da interação, Bete utiliza uma expressão formulaica (*as cartas não mentem jamais*) que marca a transição das narrativas de Joana durante o encontro.

O tópico que inicia a interação é a festa de aniversário de Joana que havia acontecido recentemente. Em função de ser uma data marcante, na ocasião Joana completou 70 anos, é um acontecimento relevante que é narrado por também ter ocorrido após ao encontro anterior entre Joana e Fábio. Os detalhes da festa são relatados por Joana, que afirma ter vontade de ligar para que pessoas que estiveram na festa para conversar, agradecer o comparecimento e os presentes recebidos, embora ainda não tivesse tempo para realizar essa ação. No momento em que justifica o fato de não ter feito as ligações, Joana comenta que tem compromissos marcados e inicia uma narrativa sobre um momento ocorrido antes de iniciar o encontro com o pesquisador. O excerto 1 apresenta a transição da narrativa de um fato para outra que tem uma história autobiográfica, que tem como elemento de historiabilidade uma passagem da vida de Joana.

#### 4.1 Excerto 1 – A viagem a São Paulo

112	Joana	assim tu tem eu tenho umas ann: obrigações a a cumprir né
113		também vou de manhã no:... fazer:... academia então assim
114		tudo mar mar marcado agora
115	Fábio	[você tem uma agenda de compromissos
116	Joana	uma agenda mais ou menos hoje de tarde antes de tu chegar
117		pedi pra Bete "tu poderia sentar comigo ver um pouco de: o
118		lê algumas cartas da minha família?" e aí fo:i uma coisa
119		bem interessante porque primeiro eu já tava já tinha dito
120		pra Bete "vou ann: botar fora as cartas" aí depois que eu
121		já li algumas eu não vou porque eu vou dar pros meus
122		mãos irmãos ann: ver porque tem coisas da vida que eles
123		participaram e: a gente vai ann
124	Fábio	tá escrito lá nas cartas
125	Joana	tá escrito e a gente as cartas não vendem @@@
126	Fábio	é... @@@
127	Bete	não mentem
128	Joana	não mentem jamais @@@
129	Fábio	é... não mentem é...
130	Joana	entende? então assim... ann: aí eu me lembrei de: coisas
131		que aconteceu eu fui a operada uma vez em em São Paulo
132		e tá história @@@ do meu eu era pra ir pra São Paulo
133		pra um casamento de uma amiga que eu ia ser madrinha
134		também e aí eu fi aco aconteceu que na viagem tive:
135		ann: por eu tava num Fuca e: a gente viajou meu irmão
136		e eu ele é grande eu também @@@ nós no Fuca no ca
137		no tinha um motorista né então ele era de táxi
138		então nós dois tivemos que nos ver ali naquele espaço e
139	Fábio	o táxi era um Fusca?
140	Joana	é... e a e meu irmão e eu grandes né no carro... Fuca é
141		pequeno né?
142	Fábio	os dois atrás no banco...
143	Joana	é mas eu acho que não sei se meu irmão eu fiquei sempre
144		atrás mas de repente eu fiquei com dor e essa dor se
145		transfo se transformou numa: apendicite e então eu fui
146		pro: pra o casamento e fui operada e @@@ e aí minha

147	família foi pro Rio e eu fiquei na casa da minha amiga
148	que tinha casado e tava lá com uma prima minha que ficou
149	comigo depois da operação então todas essas coisas que eu
150	to te contando foram ao a conver a conversa da Bete
151	enquanto eu esperava o teu: a tua vinda aqui entende?

Na linha 116, Joana relata ao pesquisador o que ela fazia antes de sua chegada, demonstrando reconhecer a manutenção de regras pragmáticas essenciais à realização da interação. Esse relato é importante para que ele compreenda o teor da história que emerge na sequência da interação. A participante conta que Bete, sua cuidadora, estava lendo cartas antigas da família para ela, a seu pedido, visto que em decorrência da patologia, Joana está gradativamente perdendo a visão. Uma das coisas que Joana se ocupa em fazer com o auxílio de suas cuidadoras é verificar pertences pessoais a fim de ver se podem ser doados ou se devem ser guardados. Essa era a situação que suscitou a leitura das cartas.

Ao narrar a Fábio o que faziam previamente a sua chegada, Joana, nas linhas 117-8, reporta sua própria fala e já avalia o evento como tendo sido bem interessante (linha 119), visto que já havia decidido desfazer-se das cartas, conforme expressa sua fala reportada na linha 120, mas mudou de ideia após a leitura de Bete. A partir desse momento, Joana considera que as cartas são importantes e que devem ser entregues aos irmãos por contarem experiências vividas por eles (linhas 121-3). Ela relaciona esse tópico (as situações contadas nas cartas) ao clichê “as cartas não mentem jamais”, revelando um tom de brincadeira na interação.

Na linha 125, Joana demonstra dificuldade ao enunciar a palavra *mentem* substituindo-a por *vendem* (linha 125). Nesse momento da interação, a cuidadora Bete, que se mantinha em silêncio durante a conversa, oferece o andamento, corrigindo o enunciado para compor a expressão formulaica “as cartas não mentem”. Joana aceita a mudança e reforça o sentido da expressão, conforme pode ser observado na linha 128 (não mentem jamais). Da mesma forma, Fábio, a quem Joana se dirige no momento, retoma o sentido da expressão.

A expressão então assim (linha 130) conduz o interlocutor ao fechamento da brincadeira, isto é, a mudança de tópico e o encaixamento de outra narrativa. Em seguida, o enunciado aí eu já me lembrei de coisas que aconteceu (linhas 130-1) delimita o início da narrativa autobiográfica, uma das histórias das cartas.

Considerando o modelo de dimensões de Ochs e Capps (2001), o encaixe (*embeddedness*) pode caracterizar a narrativa construída interacionalmente como isolada do contexto discursivo ou encaixada, ou seja, ligada à sequência da interação. No caso da narrativa que Joana constrói a seguir, a história apresenta-se como encaixada ao contexto discursivo, vinculada ao tópico vigente e ao enquadre da interação, que estava organizado em torno das ações com Bete e do sentido da expressão formulaica (*as cartas não mentem jamais*), conforme mostra o segmento 113-128. Cabe destacar, que a expressão formulaica utilizada por Joana, atua como um recurso linguístico que introduz a narrativa que será contada a seguir, além de demonstrar a veracidade dos fatos, pois estavam contidos nas cartas. Ela narra os fatos em tom descontraído.

Nas linhas 131-2, Joana, em tom de riso, antecipa o desfecho da história, sumarizando o conteúdo do que será narrado e oferecendo indícios paralinguísticos a Fábio de que se trata de uma história engraçada. O propósito da viagem realizada a São Paulo é revelado por ela nas linhas 132-3, dizendo que iria ao casamento de uma amiga, da qual seria madrinha. Logo em seguida, Joana realiza o encaixe dos fatos narrados. A linearidade (*linearity*), uma das dimensões das narrativas propostas por Ochs e Capps (2001), abre a possibilidade para que as histórias não obedeçam unicamente a uma forma linear de sucessão de eventos. A narrativa de Joana, como é possível observar, configura-se em uma narrativa não-linear, traçando uma ordem de eventos que possivelmente a participante julgue como mais adequada à interação, estabelecendo uma atitude de colaboração com o interlocutor (CUSTODIO, 2019).

Dando continuidade à narrativa, na linha 135, Joana especifica o tipo de carro no qual ela e o irmão se deslocaram, um Fusca, muito conhecido por ser um carro pequeno. A fim de estabelecer o humor na narrativa e esclarecer por que o tipo de carro fora mencionado, Joana contrapõe à ideia de tamanho do carro categorizando a si mesma e ao irmão como grandes (linha 136) e repetindo o item lexical *Fuca*, enfatizando o paradoxo ao interlocutor.

Ao introduzir o referente *dor*, na linha 144, a participante imediatamente já utiliza da nominalização *essa dor* e o recategoriza como *apendicite* na linha 145, enfatizando que o que iniciou como uma simples dor passou a ser uma patologia grave que necessitava de intervenção cirúrgica e contribuindo, assim, para a progressão temática e desfecho da história. Logo em seguida, Joana utiliza o marcador

discursivo então, para sumarizar os acontecimentos principais da narrativa sobre a viagem e o paradoxo que cria o elemento de humor e então eu fui pro: pra o casamento e fui operada (linhas 145-6), o que é ratificado pelos risos posteriores. Na linha 149, novamente esse mesmo marcador é utilizado para indicar o término na narrativa e a retomada ao tópico inicial da conversa, as situações narradas nas cartas e o que ela estava fazendo antes da chegada do pesquisador.

As estratégias de referenciação utilizadas por Joana como a nominalização e a recategorização (linhas 144-5) consistem em um mecanismo que garante sua fluidez, ocasionando a retomada e a progressão tópica, além de proporcionar a continuidade da dinâmica interacional. É possível observar no excerto 1 que a dimensão da narração (*tellership*) é desenvolvida porque Joana ocupa a posição de narradora ativa, abrindo espaços para turnos de fala do interlocutor, mas colocando-se como narradora principal. Além disso, é importante destacar que, ao longo da interação, a participante transita entre o mundo da história e o aqui e agora interacional, apresentando os cenários, personagens, fazendo comentários e coordenando colaborativamente com interlocutor todos os movimentos discursivos realizados.

Em relação à dimensão do encaixe (*embeddedness*), a narrativa surge diretamente ligada ao tópico da interação, uma das histórias das cartas, ou seja, encaixada ao contexto discursivo, conforme já mencionado. Por fim, em se tratando da historiabilidade (*tellability*), que, de acordo com Ochs e Capps (2001) é a dimensão que revela o propósito de uma narrativa ser contada, a história da viagem justifica-se como uma experiência importante vivida por Joana, uma história significativa para si mesma e sobre sua família. Histórias como essa contada por Joana têm o que Linde (1993) denomina de “reportabilidade estendida” (*extended reportability*), porque podem ser recontadas várias vezes em diferentes contextos. Nesse excerto, a narrativa de Joana reflete um conteúdo da carta diretamente relacionado às histórias de sua vida. Na sequência, veremos que a historiabilidade dessa narrativa se revelará ainda maior com o desfecho da interação.

## 4.2 Excerto 2 – Histórias de família

152	Fábio	e Joana mas é as cartas são endereçadas pra você e pessoas
153		que mandaram pra você
154	Joana	é...
155	Fábio	ou as cartas são endereçadas pra outras pessoas
156	Joana	Não
157	Fábio	e você está com as cartas?
158	Joana	são da família assim da minha mãe pra pra pra os nossos
159		pra os filhos de mim pra minha mãe ann: pro meu pro pro
160		de mim pra minha família por exemplo eu tava em São Paulo
161		e: mandei carta pra pra minha mãe meu pai meus irmãos
162		depois tem uma outra carta que eu tô: no Rio ou em São
163		Paulo e no Rio porque eu fui numa viagem eu fui com
164		com meu irmão outra eu fui com a minha irmã outra eu fui
165		de avião então fu nessas cartas aparecem e aí eu comecei
166		a me lembrar de várias coisas e tem até cartas também de:
167		da da: de nós pra a cidade do interior que era a
168		casa onde meu avô morava
169	Fábio	uhum
170	Joana	ele era: médico lá então tinha: artes ali até coisas que
171		eu considereí assim bah o Carlos vai se lembrar Carlos é o
172		meu irmão né? vai se lembrar duma coisa que atrás da igrá
173		atrás do do hospital tinha uma: ...casinha de: ... de:
174		uma santinha assim
175	Bete	uma gruta
176	Joana	uma gruta que tinha uma santa e eu disse bah não me
177		lembrava disso então assim veio o: uma coisa de reve de
178		reviver aquele passado né
179	Fábio	que estavam lá nas cartas
180	Joana	é @@@ tão lá e eu achei interessante isso né...

Ao ser questionada por Fábio (linhas 152-3; 155), Joana explica qual era a origem e o destino das cartas e contextualizando o interlocutor, por meio do marcador metadiscursivo, por exemplo (linha 160), ela enumera situações vividas pela família que estão contidas nas cartas. De acordo com Koch (2004, p. 107) as exemplificações são inserções

que apresentam a “macrofunção cognitivo-interativa de facilitar a compreensão dos parceiros, pelo acréscimo de elementos necessários para esse fim”, uma estratégia textual-discursiva que atua na construção do sentido. Dessa forma, Joana explica o teor das histórias e os motivos que a levaram a mudar de ideia inicial de desfazer-se das cartas, como pode ser observado na linha 165 (eu comecei a me lembrar de várias coisas), que revela a importância das cartas e a vontade de mostrá-las aos irmãos.

Nas linhas 167-8, ao falar o nome da cidade onde o avô morava, Joana novamente utiliza de uma estratégia formulativa, introduzindo uma explicação que era a casa onde meu avô morava, a fim de prestar o esclarecimento necessário para o entendimento do interlocutor. Após introduzir o referente Carlos (linha 171), a participante interrompe momentaneamente a atividade discursiva, a fim de confirmar o entendimento do interlocutor, conforme o turno das linhas 171-2 (Carlos é o meu irmão né?), que é ressaltado pelo uso do marcador discursivo né. Nesse caso, os dados mostram que Joana faz uso de uma estratégia metaformulativa, por meio da qual “o locutor opera sobre os enunciados que produz, procedendo a reformulações, refletindo sobre a adequação dos termos empregados [...]” (KOCH, 2004, p. 122). Apesar de a DA ser uma patologia que acarreta o declínio cognitivo progressivo, com ênfase na memória, percebemos que, na relação linguagem – interação – cognição, a atividade metacognitiva se manifesta, enfatizando o caráter sociocognitivo da linguagem, ou seja, do reconhecimento metalinguístico das formas de uso da linguagem no processo de construção conjunta de sentidos que se desenrola na interação.

Em seguida, na linha 173, ao tentar dizer o que havia atrás do hospital onde seu avô trabalhava, Joana apresenta uma dificuldade de acesso lexical e utiliza de outros referentes como uma casinha e de uma santinha para criar o *frame* necessário para o entendimento do interlocutor. Prontamente, Bete oferece apoio interacional introduzindo o referente gruta que é repetido por Joana na linha 176.

Nas linhas subsequentes (177-8; 180), Joana explicita que ouvir o conteúdo das cartas e relembra aquelas histórias a fizeram reviver aquele passado, fazendo uma avaliação positiva sobre o que as histórias lidas representam para ela e que ficará ainda mais explícito a seguir.

### 4.3 Excerto 3 – Preâmbulo

181	Fábio	e aí você vai decidir se você vai distribuir entre seus
182		Irmãos
183	Joana	sim isso eu vou: vou mas mostrar pra eles né e: é assim
184		como eu tô ann: quer dizer ta um momento na minha vida
185		interessante né a chegada dos meus 70 anos a o prenu
186		o prenu pre preâmbulo ante ante né momento antes que
187		eu tava pensando muito na minha vida... (SI) ((se emociona
188		e chora))eu pensei muito nos meus amigos ((fala com
189		voz engasgada)) as minhas ann: meus amigos minhas a minha
190		Família
191	Fábio	Uhum
192	Joana	as pessoas que a gente perdeu né... e eu tô muito: tocada
193		por muitas coisas entende assim ó ann: o que passou
194		na minha vida o que eu perdi que é essa:...a possibilidade
195		de ler e escrever que é a coisa mais triste pra mim e: ao
196		mesmo tempo ter esse acervo na casa que é espetacular
197		eu tenho discos maravilhosos os livros eu tô dando
198		porque é triste tu tá numa casa que tu tem livros e tu
199		não pode ler né
200	Fábio	°eu entendo Joana°
201	Joana	então... é: isso é: é uma coisa que toca né mas eu não
202		tô parando eu tô com a minha cabeça a milhão entende?
203		essa: essa possibilidade de ver as as a... as cartas da lê
204		da Bete me ler foi uma coisa bem bem interessante bem
205		engraçada assim também né? foi legal... e: então
206		isso tudo me traz de novo a vida que eu tinha entende

Após o questionamento de Fábio (linha 181), Joana realiza o desfecho dos tópicos mencionados anteriormente, citando a chegada dos seus 70 anos (linha 185) e rotulando-a como um preâmbulo no qual repensa sua vida. Emocionada, a participante enumera o que a levou repensar sua vida: os amigos e a família (linha 189-190), as pessoas que perdeu (linha 192) e, principalmente, a impossibilidade, em decorrência da doença, de ler e escrever (linha 194-5), avaliando como a coisa mais triste (linha 195) e contrapondo tal fato à existência de um acervo que construíra ao longo de sua vida e que agora não pode usufruir.

Cabe destacar que as práticas de leitura e escrita eram parte da identidade de Joana, não apenas como uma pessoa letrada, mas como profissional das Letras. Nesse momento da interação, Fábio oferece apoio interacional e emocional (linha 200) para a participante.

A seguir, na linha 201, Joana, com o dêitico *isso*, refere-se anaforicamente à impossibilidade de ler e recategoriza o fato como uma coisa que toca, e ressalta que, em oposição a esta perda, ela continua ativa: eu não estou parando eu tô com a minha cabeça a milhão (linhas 201-2). O referente coconstruído *cabeça a milhão* encapsula a ideia pré-concebida de quem tem uma doença neurodegenerativa perde suas funções mentais e não pode interagir. Além de encapsular essa situação, o referente exerce a função de uma anáfora indireta remetendo o interlocutor a tais elementos que não estão explícitos no discurso, mas que podem ser inferidos quando Joana ressalta sua condição positiva apesar de seu quadro patológico (CUSTODIO, 2019). Segundo Koch (2001, p. 76), as anáforas indiretas “caracterizam-se pelo fato de não existir no co-texto um antecedente explícito, mas um elemento de relação (por vezes uma estrutura complexa) que se pode denominar âncora [...] e que é decisivo para a interpretação [...]”. Ao negociar o referente com o interlocutor, Joana objetiva desconstituir a imagem de incapacidade devido à doença, apesar das perdas que teve.

Em seguida, nas linhas 203-5, Joana avalia novamente a possibilidade de ouvir as histórias das cartas como positiva, pois a fazem lembrar de situações que já havia esquecido e dar um novo sentido a elas, demonstrando a quinta dimensão da narrativa proposta por Ochs e Capps (2001), a postura moral (*moral stance*). Essa avaliação expressa pela participante exemplifica o argumento proposto por Hydén (2018) de que contar ou ouvir histórias sobre si contribuem, no contexto das doenças neurodegenerativas como a DA, a fim de construir uma imagem positiva de si mesmo e resgatar o sentido de suas vidas, considerando uma atitude colaborativa durante interação.

Conforme mencionado no início da análise, a historiabilidade (*tellability*) da narrativa se revela em sua real importância nesse momento da interação. A história contida na carta não trata apenas do passado da participante, mas de uma das histórias que revelam sua identidade, quem verdadeiramente é, para além da doença que enfrenta, representando suas experiências vividas com amigos e familiares, suas viagens. Essas memórias tornam-se mais explícitas quando Joana anuncia estar repensando sua vida

e, na linha 206, ao utilizar a expressão *isso tudo*, remete anaforicamente às histórias das cartas, às memórias e à possibilidade de ler e de escrever como algo que recorda a vida que tinha antes da patologia.

## Considerações Finais

O presente artigo teve como ponto de partida o pressuposto de que o uso da linguagem é, essencialmente, uma atividade conjunta em que os falantes se engajam em ações conjuntas para realizarem ações no mundo (CLARK, 1996). Uma dessas formas de agir pela linguagem no mundo é o ato de contar histórias: uma das ações em que mais nos engajamos cotidianamente. Em nossas análises, procuramos observar como o caráter colaborativo próprio da linguagem se manifesta, mais especificamente, por meio de uma narrativa autobiográfica produzida por uma pessoa que vive com a Doença de Alzheimer. A proposição de Clark (1996) frente à natureza de nossos dados permite realizar algumas considerações sobre a relação entre linguagem e interação no contexto de perdas cognitivas e linguísticas ocasionadas pela DA.

Primeiramente, as análises permitem observar que, apesar dos déficits linguísticos ocasionados pela DA, Joana age colaborativamente, coordenando suas ações ao contexto interacional e aos elementos que compõem a narrativa. A história autobiográfica de Joana demonstra a sua atividade sociointeracional percorrendo tanto o aqui e agora quanto o mundo da narrativa e orientando o interlocutor para tais movimentos.

As cartas lidas pela cuidadora atuam como um importante elemento de ancoragem que favorece a emergência da narrativa autobiográfica e reativa memórias que sinalizam para a exibição e ressignificação da identidade de Joana. As histórias sobre eventos passados são, para pessoas acometidas por doenças neurodegenerativas, mais importantes do que os próprios eventos em si (HYDÉN, 2018). Nas palavras de Joana, isso ressignifica reviver aquele passado. As cartas cumprem a função de um importante recurso semiótico por meio do qual experiências que não foram compartilhadas entre os interlocutores podem ser compartilhadas, reativadas na memória de Joana e ressignificadas. Podemos destacar que o alto grau de letramento de Joana, em razão de sua profissão e de sua inserção nas práticas de leitura e ensino de língua inglesa, constitui um fator que influencia em seu desempenho linguístico-cognitivo ao formular as narrativas e ao interagir com os interlocutores durante a interação.

A narrativa de Joana atende à característica fundamental de coconstrução, considerando uma concepção de narrativa que emerge na cena interacional, conforme o modelo proposto por Ochs e Capps (2001), caracterizado por dimensões mais fluídas, as quais foram possíveis de ser verificadas na sua performance narrativa. Tanto Bete quanto Fábio oferecem o andaimento necessário à Joana, atuando em momentos pontuais demonstrando participação, envolvimento, compartilhando de suas ideias e coconstruindo significados, principalmente quando alguma dificuldade surge, em função de sintomas da DA.

Considerando o papel da referenciação como estratégias de constituição da narrativa como texto oral, podemos observar que Joana retoma referentes, cria novos objetos de discurso conjuntamente, categoriza-os, rotula-os, dentre outros movimentos textuais-discursivos. As estratégias de referenciação utilizadas por ela e o papel colaborativo dos interlocutores são os elementos que constituem colaborativamente os mecanismos textuais e interacionais necessários para constituir e manter a narrativa no contexto interacional dos dados analisados, que se caracteriza por ser uma entrevista aberta semelhante a situações de conversas cotidianas.

Por fim, cabe-nos destacar o papel fundamental que contar histórias desempenha no que tange à questão do uso da linguagem na Doença de Alzheimer. Inserir as pessoas acometidas pela DA nas interações cotidianas, oferecer o apoio interacional necessário e dar espaço para que sejam ouvidas e contem suas histórias de vida contribui para que reconstruam o sentido de si mesmas. Claramente, é na interação com o outro que nos constituímos e ressignificamos experiências. Dessa forma, consideramos que é fundamental propiciar esse espaço de fala com pessoas que compartilhem de suas histórias ou que possam resgatá-las, assim como Bete fez, por meio de cartas ou de outros recursos semióticos.

A narrativa autobiográfica de Joana demonstrou a importância de recordar experiências de vida e de compartilhá-las com outras pessoas. A história fez com que a participante relembresse experiências vividas, repensasse sobre sua vida atual e, mais relevante ainda, se constituísse como uma pessoa que, apesar das dificuldades, não está se entregando à patologia, como é possível perceber em suas próprias palavras: eu tô com a minha cabeça a milhão entende?, mas que está se ressignificando na interação: isso tudo me traz de novo a vida que eu tinha.

## Agradecimentos

Katiuscia Custodio agradece à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de doutorado concedida.

## Declaração de Autoria

Este artigo foi desenvolvido por ambos os autores colaborativamente. Especificamente, a autora Katiuscia Custodio realizou a seleção e primeira versão da análise do dado com os principais pontos do referencial teórico. O autor Caio Mira concluiu a análise e escreveu parte do referencial teórico. Os dois autores realizaram a redação e a revisão final do texto.

## Referências

APOTHÉLOZ, D.; REICHLER-BÉGUELIN, M. J. Construction de la référence et stratégies de désignation. In: BERRENDONNER, A.; REICHLER-BEGUELIN, M. J. (org.). *Du syntagme nominal aux objets-de-discours*. Neuchâtel: Université de Neuchâtel Institute de Linguistique, 1995, p. 227-271.-

BASTOS, L. C.; BIAR, L. A. Análise de narrativa e práticas de entendimento da vida social. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, n. 31 (especial), p. 97-126, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-445083363903760077>

CLARK, H. C. *Using Language*. New York: Cambridge University Press, 1996.

CUSTODIO, K. A. “Como é que vou dizer...”: a coconstrução de sentidos nas narrativas orais de uma pessoa com atrofia cortical posterior. 2019. 116f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2019.

DE FINNA, A. Narrative and Identities. In: DE FINNA, A.; GEORGAKOPOULOU, A. (org.). *The Handbook of Narrative Analysis*. West Sussex: Wiley Blackwell, 2015. p. 155-190. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9781139051255.009>

DE FINNA, A.; GEORGAKOPOULOU, A. *Analyzing Narrative. Discourse and Sociolinguistic Perspectives*. New York; Cambridge: Cambridge University Press, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9781139051255>

FLANNERY, M. De “grandes” a pequenas estórias: contribuições de uma nova perspectiva para a análise da narrativa. *Investigações*, Recife, v. 23, n. 2, p.117-142, 2010.

FLANNERY, M. *Uma introdução à análise linguística da narrativa oral: abordagens e modelos*. Campinas: Pontes Editores, 2015.

HYDÉN, L. C. Storytelling in Dementia: Collaboration and Commun Ground. In: HYDÉN, L. C.; ANTELIUS, E (org.). *Living with Demencia*. Palgrave: Londres, 2017. p. 116-134. DOI: [https://doi.org/10.1057/978-1-137-59375-7\\_7](https://doi.org/10.1057/978-1-137-59375-7_7)

HYDÉN, L. C. *Entangled Narratives: Collaborative Storytelling and the Re-Imagining of Dementia*. Oxford: Oxford University Press, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1093/oso/9780199391578.001.0001>

JUBRAN, C. C. A. S. O tópico discursivo. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I.G.V. (org.). *Gramática do português culto falado no Brasil: a construção do texto falado*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006. v. 1. p. 89-132.

KIM, J. *Understanding Narrative Inquiry: The Crafting and Analysis of Stories as Research*. London: SAGE, 2016. DOI: <https://doi.org/10.4135/9781071802861>

KOCH, I. G. V. Expressões referenciais definidas e sua função textual. In: DUARTE, L. P. (org.). *Para sempre em mim: homenagem a Ângela Vaz Leão*. Belo Horizonte: CESPUC, 1999. p. 138-150.

KOCH, I. G. V. A referenciação como atividade cognitivo-discursiva e interacional. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 41, p. 75-89, 2001. DOI: <https://doi.org/10.20396/cel.v41i0.8637002>

KOCH, I. G. V. A. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.

KOCH, I. G. V. A referenciação como construção sociocognitiva: o caso dos rótulos. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 16, n. 1, p. 201-213, 2008. DOI: <http://dx.doi.org/10.17851/2237-2083.16.1.201-213>.

KOCH, I. G. V. *Introdução à Linguística Textual: trajetória e grandes temas*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

LABOV, W.; WALETZKY, J. Narrative Analysis: Oral Versions of Personal Experience. In: HELM, J. (org.). *Essays on the Verbal and Visual Arts*. Seattle: University of Washington Press, 1967. p. 12-44.

LEITE, M. Q. *et al.* A análise da conversação no Grupo de Trabalho Linguística do Texto e Análise da Conversação da Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística. In: BENTES, A. C.; LEITE, M. Q. (org.). *Linguística de texto e análise da conversação: panorama das pesquisas no Brasil*. São Paulo: Cortez Editora, 2010. p. 49-87.

LINDE, C. *Life Stories: The Creation of Coherence*. New York: Oxford, 1993.

MARCUSCHI, L. A. O léxico: lista, rede ou cognição social?. In: NEGRI, L.; FOLTRAN, M. J.; OLIVEIRA, R. P. (org.). *Sentido e significação: em torno da obra de Rodolfo Ilari*. São Paulo: Editora Contexto, 2004. p. 263-284

MARCUSCHI, L. A. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. *Revista Letras*, Curitiba, n. 56, p. 217-258, 2001. DOI: <https://doi.org/10.5380/rel.v56i0.18415>

MARCUSCHI, L. A. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 1998.

MIRA, C. COMO É QUE A GENTE DIZ? Uma análise das estratégias textual-interativas na narrativa de uma pessoa com Doença de Alzheimer. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v. 19, p. 419-433, 2019.

MIRA, C.; CUSTODIO, K. A. Contribuições da noção de referenciação para análise da narrativa oral no contexto da atrofia cortical posterior. *Investigações*, Recife, v. 32, p. 1-23, 2019.

MIRA, C.; CARNIN, A. Histórias sobre o convívio com a Doença de Alzheimer: contribuições da noção de referenciação para a análise de narrativas no contexto de interações de um Grupo de Apoio. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 59, p. 157-174, 2017. DOI: <https://doi.org/10.20396/cel.v59i1.8648426>

MISHLER, E. G. *Research Interviewing: Context and Narrative*. Cambridge: Harvard University Press, 1986.

MOITA LOPES, L. P. A performance narrativa do jogador Ronaldo como fenômeno sexual em um jornal carioca: multimodalidade, posicionamento e iconicidade. *Revista da Anpoll*, Belo Horizonte, v. 2, n. 27, p. 127-157, 2009. DOI: <https://doi.org/10.18309/anp.v2i27.146>

MONDADA; L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (org.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52.

MORATO, E. O caráter sociocognitivo da metaforicidade: contribuições do estudo do tratamento de expressões formulaicas por pessoas com afasia e com Doença de Alzheimer. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 16, n. 1, p. 157-177, 2008. DOI: <https://doi.org/10.17851/2237-2083.16.1.157-177>

MORATO, E. A noção de frame no contexto neurolinguístico: o que ela é capaz de explicar? *Cadernos de Letras da UFF*, Niterói, n. 41, p. 93-113, 2010.

MORATO, E. Das relações entre linguagem, cognição e interação – algumas implicações para o campo da saúde. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v. 16, n. 3, p. 575-690, 2016.

NORRICK, N. R. Narrative contexts. In: NORRICK, N. R. (org.). *Conversational Narrative: Storytelling in Everyday Talk*. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2007. p. 105-134.

OCHS, E.; CAPPS, L. *Living Narrative: Creating Lives in Everyday Storytelling*. Cambridge: Harvard University Press, 2001.

ROSCH, E. Cognitive Representations of Semantic Categories. *Journal of Experimental Psychology, General*, v. 104, n. 3, p. 192-233, 1975. DOI: <https://doi.org/10.1037/0096-3445.104.3.192>

SANTOS, E. N. *et al.* Educação em saúde na comunidade: dialogando sobre o envelhecimento e a Doença de Alzheimer. *Brazilian Journal of Surgery and Clinical Research – BJSCR*, Cianorte, PR, v. 27, n. 2, p. 32-36, 2019.

SHENK, D. There Was an Old Woman: Maintenance of Identity by People with Alzheimer's Dementia. In: DAVIS, B. H. (org.). *Alzheimer Talk, Text and Context: Enhancing Communication*. New York: Palgrave Macmillan, 2005. p. 3-17. DOI: [https://doi.org/10.1057/9780230502024\\_1](https://doi.org/10.1057/9780230502024_1)

VIEIRA, G. D. *et al.* A deposição de peptídeo beta-amilóide e as alterações vasculares presentes na doença de Alzheimer. *Journal of Health Biology Science*, Fortaleza, v. 2, n. 4, p. 218-223, 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.12662/2317-3076jhbs.v2i4.98.p218-223.2014>

VYGOTSKI, L. S. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

WOOD, D.; BRUNER, J.; ROSS, G. The Role of Tutoring in Problem Solving. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, [S.l.], n. 17, p. 89-100, 1976. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1469-7610.1976.tb00381.x>

ZIDAN, M. *et al.* Alterações motoras e funcionais em diferentes estágios da Doença de Alzheimer. *Revista de Psiquiatria Clínica*, São Paulo, v. 39, n. 5, p. 161-165, 2012. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-60832012000500003>

## ANEXO

## Convenções de transcrição

Ocorrências	Sinais
Incompreensão de palavras ou segmentos	(SI)
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)
Prolongamento de vogal e consoante	: (podendo aumentar de acordo com a duração)
Interrogação	?
Qualquer pausa	...
Pausa prolongada (medida em segundos)	(4.2)
Sobreposição de vozes	[apontando o local onde ocorre a superposição]
Citações literais, ou leituras de textos	“ ”
Risos	@@@
Tom mais baixo	°tom mais baixo°
Entonação enfática	MAIÚSCULA
Truncamento brusco	/
Silabação	- - -
Informação omitida por sigilo	XXX
Comentários do analista e designações gestuais	((minúscula))
Itálico	<i>palavras de língua estrangeira</i>
Indicação e continuidade de gestos significativos, com a descrição dos mesmos	<i>*início e fim do gesto*</i>

Fonte: Marcuschi (1998); Custodio (2019).